

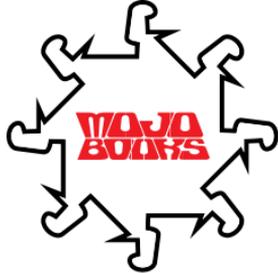
the who **QUADROPHENIA**
recontado por **OCTAVIO ARAGÃO**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

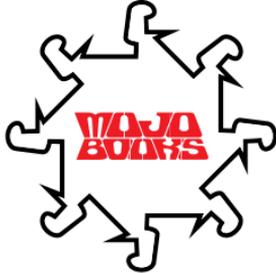
Danilo Corci
organizador



VOLUME 54

QUADROPHENIA
the who

recontado por **OCTAVIO ARAGÃO**



VOLUME 54

QUADROPHENIA
the who

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte **Delfin**

foto da capa **Thais Taverna**

revisão **Camila Kintzel**

Fevereiro de 2008

A sala era um mar de cabeças raspadas e rostos em cores ber-rantes. Não fosse pelo rapaz morto ao seu lado, Leandro poderia imaginar que assistia a uma peça infantil, com atores maquiados como índios. O excesso de vermelho tinha certa beleza.

Infelizmente, o cabelo emplastrado de sangue e o cadáver com nariz esmagado diziam outra coisa. O que estava aconte-cendo ali era o prelúdio do fim do mundo. Ou, no mínimo, do fim de *um* mundo.

A porta rachada em que estava recostado ameaçou ceder. Os veteranos ainda estavam em silêncio, mas era melhor não arriscar. Enquanto puxava outra carteira com o pé e reforçava o bloqueio, Leandro estava convencido que toda aquela encrenca era culpa do Renato.

Não fosse o cara abrir a boca, estariam livres. Ninguém mor-riera, e os veteranos teriam raspado seu cabelo. E arrancado as blusas das meninas.

Pensando bem, talvez não houvesse outro jeito. Que fossem arrancar as roupas das mães deles! Agora cabia ao próprio Re-



nato resolver as coisas, mas ele tinha saído havia duas horas e até agora nada. Quer dizer, deu para ouvir a sirene de carro de polícia, mas como estavam no quinto andar do prédio da reitoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Ilha do Fundão, podia ter sido qualquer outra coisa: ambulância, bombeiros ou até a patrulha municipal.

Nada mudaria o cenário. No momento em que resolveu entrar para o curso de arquitetura, o futuro já estava escrito e o fim só poderia ser aquele, vermelho e sebento.

— Sabem o que vai acontecer aqui, hoje? — gritava o marmanjo cuja camiseta preta trazia uma reprodução do logotipo do filme *O Poderoso Chefão*, brandindo uma máquina com jeito de ter sido projetada para tosquiar carneiros. — Vai ter chacina de calouros burros!

Renato deu aquele olhar que dizia “mas que asno” por trás dos óculos de aros grossos. A mesma cara irônica que já havia colocado ambos em mais encrencas do que era possível lamentar. No primário, provocou um guri com fama de violento, e Leandro, o caladão, viu-se impelido a dar uns murros na cara



do agressor.

Foi assim que começou uma dupla bem-sucedida nos estudos e na sobrevivência. Gostavam de desenhar, de rock e de ler. Liam de tudo, mas principalmente aqueles autores que todo mundo odiava, tipo Álvares de Azevedo e Byron, ou filosofia. Descartes, Nietzsche e Platão. Muito Platão. A vida funcionava assim: Renato falava alguma merda, provocava determinada situação, e Leandro resolvia. Se possível, conversando; se não, com as mãos fechadas. Até agora tinha funcionado, mas parecia que, nesse dia, a luz do sol não chegaria à caverna.

Leandro passou a mão pelos cabelos negros e apalpou os bolsos da jaqueta de couro, ouvindo o tilintar das chaves da lambreta, perdida em algum lugar no estacionamento, cinco andares abaixo. Seria difícil escapar.

Às vezes achava que alguém deveria cortar a língua de Renato, mas, pensando bem, a culpa de toda a confusão era dos aviões. Se os palhaços de cabeça pelada viam-se no direito de achacar as pessoas fazendo propaganda pró-governo em pleno 1983, depois de quase vinte anos de ditadura militar, foi porque aqueles aviões ingleses que combateriam os argentinos passaram por cima do Brasil, a caminho das Ilhas Malvinas.

Nossos caças interceptaram os britânicos. Fossem cachorros,



os brasileiros teriam mijado para demarcar território. Como não eram, apenas sacudiram as ogivas nucleares que ninguém sabia que tínhamos, nem nós mesmos.

Pronto. A cagada estava feita. Os ingleses voltaram para casa, a imprensa descobriu, e logo todo mundo queria saber como metemos a mão em armamento daquele calibre. Para ser honesto, todo mundo, menos Leandro. Ele estava mais preocupado com a união entre as moribundas e resfolegantes ditaduras latino-americanas, de direita e de esquerda, em um bloco alinhado contra os ingleses. A Guerra das Malvinas, que começou como piada de mau gosto, escalonou para um conflito de proporções rabelaisianas, um cenário improvável no qual nações de Terceiro Mundo resolviam comprar briga com um dos impérios seculares da Europa. Uma toca de ratos guinchadores, cujo bafo coletivo fedia a lixo atômico.

Socialmente, ocorreu o de sempre: brados histéricos em prol de uma união nacional contra os invasores gringos. E tome reedições dos discursos de Hitler, disfarçados de sambas-exaltação. Era até engraçado ver Leopoldo Galtieri, João Figueiredo e Fidel Castro na mesma foto, numa versão cucaracha e invertida de Roosevelt, Churchill e Stálin. E os inevitáveis carecas viraram figurinhas fáceis.



Neste momento, havia quatro deles na sala onde Leandro e Renato estavam, com os outros calouros de arquitetura. Era uma aula-trote. Ou algo parecido.

— Alguém quer falar antes do sacrifício? — esbravejou o Chefão, segurando uma caloura pelo braço. O rabo-de-cavalo traçava semicírculos enquanto a moça tentava se livrar do aperto, posicionando o corpo diante do rapaz que a prendia — mas, apesar de suas pernas longas, não conseguia um ângulo para acertar-lhe um joelho entre as pernas. Os outros carecas riam da cena. O valentão sentiu-se à vontade para elevar o nível da agressão a outro patamar, tentando rasgar a blusa da garota. Era a deixa que Renato pediu a Deus.

— Ei, vocês — disse com dedo em riste —, tenho uma pergunta.

Os veteranos pareciam não acreditar que aquele quatro-olhos preferia dirigir a palavra aos sacrossantos arautos da testosterona nacionalista em vez de se esconder e passar despercebido.

— Fala — vociferou o careca-mor.

Renato abriu o sorriso.

— É simples: você sabe contar?

O sujeito com a camiseta de *Poderoso Chefão* piscou duas vezes, a boca transformou-se em uma parábola descendente, um



“u” invertido. Leandro entendeu qual seria a tática. Levantou-se e apoiou a carteira sobre a qual estava sentado contra a porta. O encosto de madeira bloqueou a maçaneta redonda, impedindo que pudesse ser aberta por fora. Renato continuou a prestidigitação verbal.

— É que estou vendo quatro de vocês aí em cima, enquanto aqui embaixo perco a conta depois de chegar em trinta.

— E daí? — grunhiu um dos algozes, que vestia *jeans* caros.

Renato abriu os braços, curtindo o burburinho crescente às suas costas. Pelo jeito, os calouros tomavam consciência dos números.

— E daí que, se trancarmos a porta, vocês é que estarão presos... — e, como se estivesse no teatro, baixou o tom de voz — ...conosco.

Apenas Renato conseguia fazer uma palavra tosca soar como uma ameaça. Os veteranos ficaram brancos. Folhas de papel. Tentaram sair do tablado, mas foram impedidos por um calouro troncado de cabelos castanhos e camiseta listada com a imagem de um sino estilizado, como um pictograma, que, repetindo a última frase de Renato como se fosse um mantra, meteu a mão espalmada no peito do Chefão, empurrando-o para trás.



— Tá maluco, calouro? Sabe o que tá fazendo?

— Presos conosco — repetia o rapaz com camisa de sino, que Leandro passou a chamar mentalmente de Bell Boy. As áreas pintadas de vermelho e a pele limpa do rosto pareciam chegar a um acordo cromático – Prê-sos-co-nôs-co.

Cinco, seis, vinte gritavam em uníssono.

Um objeto que Leandro não identificou atravessou a sala em um arco rodopiante e finalizou a trajetória com impacto na testa do Poderoso Chefão; dela espirrou um jato de sangue na blusa rasgada da moça do rabo-de-cavalo. Para espanto de Leandro, ela não gritou de nojo, mas aproveitou o momento, girou o corpo e acertou o alvo fugidio com o joelho direito.

Se o Chefão já estava tonto com o estojo de metal que levou na cara, depois da joelhada, caiu. Uma voz feminina gritou do fundo da sala alguma coisa como “É isso aí, garota! Castra esse broxa” e, sem perceber que a frase era incongruente, pois, afinal, quem precisa castrar um sujeito broxa?, emendou na ladainha de “prê-sos-co-nôs-co, prê-sos-co-nôs-co”.

Um cara de barba rala que estava entre os calouros saltou sobre Bell Boy e derrubou-o com um soco, liberando a passagem dos três carecas que ainda estavam em pé.

Leandro compreendeu que aquele devia ser um “infiltrado”,





um veterano posando de novato. Devia haver outros, mas era importante neutralizar aquele antes dos quatro prisioneiros conseguissem chegar à porta. (Leandro assustou-se ao perceber que já considerava aquela uma situação de guerra aberta) Apesar da vantagem numérica, os calouros eram apáticos, demoravam para tomar atitudes, enquanto os veteranos lutavam para salvar a pele. Formulou um plano para impedir a fuga sem desguarnecer a porta, mas, antes que pudesse fazer alguma coisa, um aluno bem mais velho, negro, de seus vinte e seis, vinte e sete anos, muito alto, irrompeu sobre o grupo de fugitivos e atacou o Barba-rala. Dois socos amainaram o ímpeto dos veteranos, deixando-os incapazes de qualquer reação. Bell Boy recobrou-se da agressão anterior, repetindo o cântico-hino-sei-lá-o-quê e tomou o controle da situação, aproveitando para acertar um direto na cara de Barba-rala, que teve um superclíio aberto. Mais vermelho no cenário.

Do outro lado da porta, as coisas estavam esquentando. Dava para ouvir os gritos, uivos, dos veteranos ultrajados. Estavam usando alguma coisa como arfete, pois cada tranco era mais forte que o anterior. Leandro arriscou uma olhada pelo visor da porta e por um triz não recebeu estilhaços de vidro no rosto.

Os veteranos — um deles dono de uma voz singular — ten-

tavam alcançar a barricada de móveis enfiando braços pela abertura providenciada pela pequena janela de vidro. O negro que havia detido a fuga dos quatro prisioneiros voltou à carga, empunhando uma carteira como se fosse mobília de casa de bonecas. Empurrou Leandro para fora da área de atuação e acertou com a quina do encosto de madeira a mão que se esgueirava pela abertura em busca de um ponto de apoio.

O invasor atingido, o tal com voz estranha, gritou e deu para perceber que alguma coisa, um daqueles ossinhos minúsculos da mão humana, tiraria umas férias onde quer que ossos quebrados vão para recobrar o fôlego.

Depois disso, os veteranos deram uma trégua e Leandro pôde trocar algumas palavras com seu salvador. A garota do rabo-de-cavalo também aproximou-se, a blusa cor-de-rosa com um rasgão na manga, mas ainda recatada.

— Olha — disse o grandalhão —, não sei como vamos resolver esta parada, mas estou com vocês. Alguém tem de enfrentar esses abortos — e estendendo a mão, completou: — Meu nome é Renan.

— Sou Leandro — disse esboçando um sorriso, a mão direita desaparecendo no aperto.

— E eu me chamo Francisca — disse a guria —, mas os amigos



me chamam de Fran.

Os três olharam para Bell Boy, que mostrava dentes encerrados em um aparelho ortodôntico o qual, pela aparência, devia machucar um bocado os lábios. Parecia um pedaço de arame farpado na boca, mas ele abria um belíssimo sorriso, daqueles que convenciam a assistência da veracidade dos sentimentos.

— É um prazer estar aqui com vocês, preso neste inferno — disse numa risada calorosa, que terminava num som entrecortado, divertido. — Sou Marco Aurélio e é ótimo estar, como diria nosso mestre ali, “prê-so-co-nôs-co”!

Renato, igual a Moisés abrindo o Mar Vermelho, continuava no mesmo lugar do qual pregou a Revolução Francesa. Os braços abertos, cotovelos ligeiramente dobrados, abençoando veteranos e calouros com um sorriso fulgurante. Era o dono da situação. Os prisioneiros estavam sentados no chão sob vigilância. De quem? Leandro não sabia. De todos, talvez.

— O que a gente faz agora? — perguntou Marco Antônio, o Bell Boy. Se Renato era Moisés, Leandro era um Josué ao contrário, decidido a manter as muralhas de Jericó inteiras. Curioso como, de maneira quase telepática, os papéis se estabeleciam nas comunidades acuadas por qualquer tirania. Ele era o responsável pelas questões militares.



O grupo de Líderes da Resistência cristalizou-se em Renato, Leandro, Bell Boy, Fran, portadora da joelhada atômica, e Renan, o negro do tamanho de um prédio de quatro andares. A partir daquele ponto, as decisões e as ações partiriam dali, e os outros trinta e cinco alunos novatos aceitavam aquilo com mais boa-vontade do que seria de se esperar de um bando de garotos acuados. Na verdade, havia uma certa calma no ambiente. Parecia que a mistura das palavras de Renato e das ações dos outros infundiram uma serenidade confiante. Acreditavam que tinham uma chance de ganhar a parada, e, afinal de contas, aquilo era apenas um trote, uma brincadeira. O que poderia sair errado, além de uma pequena humilhação eventual?

Um estilete. Daqueles de cortar papel, só que com uma lâmina mais grossa que o comum. Coisa que todo arquiteto que faz maquetes tem como material obrigatório de trabalho.

Leandro viu a lâmina e tentou impedir Barba-rala de ferir Renato, que estava ocupado conversando com o resto da turma, tentando descobrir quem seriam os outros espiões veteranos.

Leandro empurrou Renan e jogou-se à frente de Barba-rala, alcançando a mão que segurava a faca, mas sem força suficiente para desarmá-la. O máximo que conseguiu foi fazer o atacante errar o bote, transformando o que seria um corte profundo num





arranhão e numa camiseta rasgada. Imediatamente, Marco Aurélio voltou à carga, defendendo o flanco de Leandro e acertando um chute na perna de apoio de Barba-rala, que urrou de dor. Aquilo significava, provavelmente, um joelho deslocado, mas não impediu o veterano, que votou a atacar Renato, ignorando os outros. Ninguém ali sabia, mas Barba-rala, cujo apelido na faculdade era Cinco e Quinze, por causa de sua mania de organização e pontualidade, era ex-aluno do Colégio Militar e tinha aprendido alguma coisa de estratégia. Sabia, por exemplo, que se eliminasse Renato seria bem mais fácil voltar a dominar os calouros.

Os outros cativos, presentindo as intenções de Barba-rala, partiram como uma unidade para cima de Renan, obrigando o gigante e Fran a lidar com quatro adversários ao mesmo tempo, recuando em direção à porta. Os dois foram pressionados até encostar no batente, o que fez com que a trégua do outro lado da porta acabasse com um grito coletivo que lembrava uma alcatéia. Os veteranos tinham empregado o tempo improvisando um aríete formado por uma tora de madeira, oriunda do pátio do térreo, e uma marreta, utilizada na obra de restauração do terceiro andar.

A primeira marretada atingiu a porta com tanta força que uma das cadeiras da barricada voou um metro, atingindo a

perna de uma menina e arrancando sangue. Os prisioneiros, empolgados com o que viam, reforçaram a pressão, empurrando Renan, enquanto Fran revidava com chutes violentos. Em meio ao caos, um rapazote franzino, de aparentes dezesseis anos, provavelmente um vestibulando precoce, agarrou uma cadeira pelos pés e partiu em defesa dos guardiões da porta. Desceu a arma improvisada com toda a força sobre a cabeça de um dos veteranos, que desabou, expelindo sangue pelo ouvido.

Enquanto isso, Marco Aurélio se atracava com Barba-rala, impedindo-o de chegar perto de Renato, que estava encolhido, usando um par de carteiras como escudo. Duas meninas vestidas com roupas parecidas, jeans e batas com motivos florais, gritavam de medo.

Sem saber a qual dos fronts prestar auxílio, Leandro decidiu-se pelo mais próximo e agarrou a mão de Barba-rala. O estilete cortou uma tira da jaqueta de couro, mas não feriu Leandro, que forçou o pulso do inimigo para trás até ouvir um estalo. A faca quicou com som opaco no chão de lajotas, e Barba-rala, com os olhos marejados por causa da dor na perna e na mão, foi largado pelos adversários, que partiram em auxílio dos outros.

Renato levantou do esconderijo improvisado, apanhou o estilete e, sussurrando alguma coisa inaudível, aproximou-se



de Barba-rala, que se encolheu todo, como um inseto aleijado perto do qual uma criança malvada coloca um palito de fósforo aceso.

Leandro viu com o canto de olho Renato aproximar a lâmina do pescoço de Barba-rala e pensou em gritar para impedir um desastre.

Mas nada aconteceu. Renato levantou-se, deixando o rapaz que havia tentado perfurá-lo segundos antes ferido e dobrado sobre si mesmo, movendo a cabeça lentamente, para cima e para baixo, como se concordasse com alguma proposta incompreensível.

A segunda marretada provocou uma fissura na madeira da porta, mas Marco Aurélio e Leandro ajudaram a bloquear o avanço dos invasores com os próprios corpos. Renan, aproveitando a folga, varreu com dois golpes os agressores restantes, que, após a queda dos dois companheiros, tinham perdido metade do ímpeto inicial. A Resistência voltava ao controle da situação. Renan, Leandro, Marco Aurélio e Fran sorriram, e alguns aplausos soaram no fundo da sala, começando a sobrepujar a choradeira e os gritinhos de pânico.

E então houve a terceira marretada.

Até aquele momento, Leandro havia questionado de maneira



vaga aonde teriam ido os responsáveis pela universidade. Onde andavam os representantes discentes? A diretoria e os professores de verdade? Era necessário contatar as autoridades antes que a situação saísse do controle, pois a cada segundo a sala de aula ficava mais parecida com uma trincheira sangrenta nas Ilhas Malvinas. Não podiam esquecer que estavam numa universidade. Tinha de haver uma saída diplomática.

Foi o olho saltado de Marco Aurélio, voando do crânio e antecipando um jato rubro, que o trouxe de volta à realidade.

A pancada na porta fez com que um pedaço de cano, pé de uma das cadeiras usadas como barricada, entrasse pela nuca do Bell Boy, pressionando os ossos do crânio e fazendo o olho direito saltar como uma rolha de champanhe. O sorriso farpado ainda estava nos lábios quando o corpo desabou, o nariz esmagado contra o chão.

Foi demais para todos. Houve um levante e, por um segundo, parecia que o espaço havia dobrado sobre si mesmo. Os alunos do fundo da sala, que haviam ficado quietos, acovardados diante do conflito, viraram uma onda, despencando aos berros sobre o grupo da Resistência, visando alcançar a porta, a saída, qualquer coisa que os tirasse daquilo que eles acreditavam ser o lugar onde morreriam.





As gêmeas floridas foram derrubadas, o vestibulando precoce levou uma pancada na barriga, e o corpo do veterano que sangrava pelo ouvido foi pisoteado pelos alunos em pânico. Renan e Leandro, num esforço para proteger Fran, receberam diversos socos e golpes, tanto dos calouros apavorados quanto das mãos do lado de fora da sala, que buscavam algo para agarrar. O couro cabeludo de Leandro abriu graças a um dos cacos de vidro remanescentes do visor quebrado contra o qual estava imprensado e, apesar da proteção, Fran acabou ganhando um corte feio no ombro, feito por um compasso empunhado por um veterano do outro lado da porta. O caos parou quando, do alto do tablado, ocupando o lugar que o Chefão usara como palco de seus desmandos, Renato fez sua voz teatral soar acima do berreiro.

— Eu tenho a saída — falou com o olhar direcionado a todos, mas encarando a ninguém, como um astro do rock ou um pastor evangélico com vinte anos de experiência de púlpito. — Sei o que fazer para acabar com esta crise. Acalmem-se e tudo será arranjado.

A multidão acalmou. Do corredor vinha, pela primeira vez, uma brisa, típica de julho. Parecia que em todo campus ninguém mexia um músculo.

Leandro estava pasmo. Conhecia o talento de Renato, mas

aquilo estava muito além do que já vira. Era o domínio completo e seguro de uma multidão em pânico e exposta a cheiro de sangue. Os olhos estavam tranqüilos, e a camisa, branca, sem nenhuma estampa, imaculada. Mas ele, o “guarda-costas”, o General da Resistência, parecia saído de um bueiro. Sua mãe perguntaria “veio da guerra, menino?”, e ele ficaria ofendido, pois sempre se orgulhara da aparência das roupas e do cabelo. Estava uma ruína, e seus companheiros não ficavam atrás.

Mas Renato posava de braços abertos, incólume.

Desceu do tablado e os garotos abriram caminho, solenes. Aproximou-se de Barba-rala, que, ignorando as dores, parecia um cachorro. Encarou Leandro.

— Deixe-me sair — sussurrou. — Sei o que estou fazendo.

Leandro não gostou de deixar Renato se expor daquele jeito, mas uma das bases da amizade deles era jamais duvidar da capacidade do outro. No momento, apesar de jamais ter visto tal extensão das habilidades do amigo, não tinha a menor intenção de quebrar a regra. Afastou-se, liberando o acesso à porta rachada. Renato, acompanhado por Barba-rala, quase se arrastando sobre a perna sã, saiu da sala e foi envolvido pelos inimigos.



Três horas depois, voltou. A seu lado vinha Barba-rala, mancando e com o braço numa tipóia, mas medicado e limpo, cabelos penteados para trás. Um contraste com os calouros maltrapilhos e fedorentos. Leandro buscava identificar por que seus instintos diziam que havia algo de diferente em Renato e no ambiente. Talvez fosse o cheiro de maresia ou o brilho do sol que saía de cena, mas não era nada disso. Talvez não houvesse nada diferente.

— Conforme prometido — disse Renato em tom baixo — tudo está certo.

E abriu caminho para os policiais, que entraram com violência.

Renan deu um passo à frente, mas não teve tempo de pronunciar uma frase antes de ser atingido na barriga por um cassetete. Leandro, atônito, pensou em reagir, mas foi contido por Fran, que, com rosto inexpressivo, comentou:

— Fique quieto. Não piore as coisas.

O dedo de Renato foi preciso, apontando Leandro, Fran e Renan, dobrado ao meio, em pleno acesso de tosse. Dirigindo-se aos alunos abatidos, perguntou:

— Não foram estes que impediram a saída da sala? Não foram estes que os deixaram presos?

Leandro não acreditava no que ouvia. Os trinta e tantos

alunos repetiam o mantra hipnótico “prê-sos-co-nôs-co” com uma sinceridade quadrafônica que teria deixado o Bell Boy emocionado. Bell Boy, aquele rapaz de cabelos castanhos, aparelhos nos dentes e nariz esmagado, cujo olho descansava fora do rosto, testemunhando os acontecimentos de um ponto de vista privilegiado.

O menino franzino que momentos antes tinha derrubado um veterano com uma cadeirada, entoava esganiçado, a todo volume, a condenação dos Líderes da Resistência. As gêmeas florais choravam agradecidas pelo fim do pesadelo e pela prisão dos culpados.

Algemas uniram os três assassinos remanescentes de uma realidade antiga, desnecessária e esquecida.

Quando Leandro conseguiu encarar Renato, entendeu o que já era óbvio para Fran. Devia sentir-se privilegiado por testemunhar o início de uma carreira política, que em pouco tempo assumiria o comando de um dos maiores países da América. Sim, pois os militares não durariam para sempre, e quando saíssem de cena, largando o osso, outro predador — talvez de natureza mais selvagem — assumiria o topo da cadeia alimentar. Um animal com boca cheia de dentes e língua sedutora, que saberia que o cerne da política reside em uma palavra que, apesar de compartilhar



as mesmas frases, não era sinônimo de fidelidade.

Aliança.

Tudo isso estava no fundo dos olhos de Renato. Na superfície, no brilho da retina, o que Leandro percebia enquanto tropeçava no corpo de Bell Boy, era a indiferença que o ventríloquo dedica à marionete depois que as cortinas se fecham.

FIM



SOBRE A BANDA

The Who é uma banda de *rock* britânica surgida nos anos 60. A evolução musical do grupo culminou numa fase de grande sucesso na década de 70. Após um período inativo entre os anos 80 e 90, o The Who retornou aos palcos e, apesar da perda de dois de seus integrantes originais, continua a se apresentar esporadicamente. O Who é considerado uma das maiores bandas ao vivo do *rock 'n' roll* de todos os tempos. Conhecidos pelo dinamismo de suas apresentações e por sua música reflexiva e repleta de influências artísticas, eles também são julgados pioneiros do *rock*, popularizando entre outras coisas a ópera *rock* (principalmente com *Tommy*) sob a liderança de Pete Townshend. Seus primeiros álbuns *mod*, repletos de curtas e agressivas canções *pop*, os distintos *power chords* de Townshend e temas recorrentes de rebelião juvenil e confusão sentimental, foram influências primordiais no surgimento do *punk rock* e do *power pop*.

CRÉDITOS ORIGINAIS

QUADROPHENIA — THE WHO

Design: Richard Evans

Direção de arte: Ethan Russell

Lançado em 1973

Selo: MCA

Produzido por The Who

Para mais informações sobre a banda, visite:

www.thewho.com

SOBRE O AUTOR

Octavio Aragão, quarenta e três anos, é carioca, filho de militar e, talvez por causa disso, sofre profunda aversão por qualquer tipo de autoritarismo. Designer gráfico por profissão e professor universitário por gosto, foi coordenador de arte de O Globo, subeditor de arte de O Dia e editor de arte das revistas de informática da Ediouro até 2001, quando resolveu virar acadêmico. É doutor em artes visuais pela Escola de Belas Artes - UFRJ - e professor adjunto de desenho industrial, na UFES, em Vitória, Espírito Santo. Desde 1998, tem publicado histórias de ficção científica, horror e fantasia em diversas antologias, além de ter capitaneado o Projeto Intempol, que gerou contos e HQs. Em 2006, lançou pela editora Mercuryo o romance *A Mão que cria*, uma ficção alternativa na qual Júlio Verne tornou-se presidente da França e mudou a face do mundo. Entre Vitória e o Rio, Octavio vive com a mulher Luciana e o filho Pedro, de quatro anos..

ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados
pelo disposto acima.

54 **QUADROPHENIA**

THE WHO
PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. I AM THE SEA
2. THE REAL ME
3. QUADROPHENIA
4. CUT MY HAIR
5. THE PUNK AND THE GODFATHER
6. I'M ONE
7. THE DIRTY JOBS
8. HELPLESS DANCER
9. IS IT IN MY HEAD?
10. I'VE HAD ENOUGH
11. 5:15
12. SEA AND SAND
13. DROWNED
14. BELL BOY
15. DOCTOR JIMMY
16. THE ROCK
17. LOVE, REIGN O'ER ME

